



Machado de Assis e seus críticos: um breve balanço bibliográfico

RENATA WILLIAM SANTOS DO VALE*

Nenhum outro escritor brasileiro, em nenhum tempo, foi tão falado, tão manuseado, tão esquadrihado quanto Machado de Assis atualmente. A sua obra e a sua personalidade estão sendo exploradas por uma espécie de garimpagem literária que se alastra pelo país inteiro. Na imprensa diária e periódica, nas academias e nas escolas, e até no rádio e no cinema, por mil formas diversas, são seus livros submetidos à análise e ao comentário de quantos possuem um meio qualquer de comunicação com o grande público. (Astrojildo Pereira, *Diário de Notícias*, 18 de junho de 1939)

A representação atual de Machado de Assis, tanto no universo acadêmico quanto no senso comum, como um escritor crítico, singular, mordaz, humorista, profundo conhecedor dos sentimentos humanos, cuja obra serve de fonte preciosa para o estudo de aspectos socioculturais da vida brasileira durante o 2º reinado e as duas primeiras décadas da República é resultado de mais de um século de crítica e debates intelectuais, desde os primeiros escritos ainda em finais do século XIX. Trabalhos tanto de historiadores quanto estudiosos da literatura discutiram e divergiram sobre aspectos da vida e sobre as interpretações da obra, acompanhando as diversas correntes de pensamento ao longo do tempo e acabaram por consolidar as linhas mestras que contribuíram para a construção da imagem de Machado entre nós.

Esse percurso evidencia também as grandes diferenças entre esses críticos e estudiosos ao longo do século XX, sobretudo, quando foram sendo delimitados os campos das disciplinas universitárias, promovendo uma especialização dos trabalhos, que até metade daquele século eram elaborados por indivíduos de formação bastante diversa, cujo interesse nas letras nacionais motivavam a dedicação aos estudos literários. Havia entre esses críticos jornalistas, médicos, advogados, políticos, diplomatas, e também aqueles que se dedicavam exclusivamente à história e à literatura, como cronistas ou romancistas. A separação entre críticos e historiadores no século XIX e até início do XX estava na natureza do texto produzido e geralmente na proposta do autor. A História e as Letras andavam de mãos dadas nos projetos de consolidação do Estado, sobretudo depois da Maioridade, capitaneados pelos

* Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense, com apoio do CNPq, pesquisadora do Arquivo Nacional (RJ).

principais letrados brasileiros alinhados com o governo imperial, empenhados em construir uma memória nacional que fosse transmitida aos cidadãos do Império por meio do ensino, da literatura, e da introjeção dos símbolos pátrios¹. Dotar o país de História e Artes era fundamental para a construção da identidade nacional.

O próprio Machado de Assis dedicou-se no início de sua carreira à atividade crítica, avaliando volumes de novelas, contos, romances, poesias e produzindo ensaios sobre a atividade, a função e o papel do crítico para a construção da literatura nacional e para o aperfeiçoamento da produção dos novos autores. Entre esses ensaios destacam-se “O ideal do crítico” (1865), “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (1873) e “A Nova geração” (1879),² nos quais um Machado de Assis ainda bem jovem afirmava que enquanto não houvesse uma crítica imparcial, livre de elogios pessoais, dedicada de fato à análise da obra, sem receio de dizer as verdadeiras impressões do texto e sem receio de ferir orgulhos, não haveria uma literatura brasileira digna do nome. Somente a crítica possibilitaria um direcionamento rumo à perfeição de forma, estilo e conteúdo, fazendo emergir uma legítima literatura *nacional*, sem imitações das estrangeiras e livre das idiossincrasias das gerações românticas anteriores. Não deixa de ser interessante notar que essa atividade começaria com efeito a se consolidar e aperfeiçoar entre a intelectualidade brasileira em torno do próprio Machado, na última década do oitocentos.

Na esteira de seu trabalho, outros críticos começaram a se firmar e consolidar esta atividade, que foi ganhando espaço próprio e importância intelectual. Inclusive a obra de Machado de Assis impulsionou a construção desse espaço de debate crítico, sendo analisada pelos principais pensadores de finais do século XIX de forma bastante diversa e controversa, entre eles Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Junior e Capistrano de Abreu, que iniciou sua carreira na crítica e passou para a História, não deixando de manter relações com as letras ao longo de sua carreira. Assim como Capistrano, outros interessados em literatura e na História exerceram alguma atividade crítica e se dedicaram a interpretar e discutir a obra tão diversa de Machado de Assis.

¹ O processo de ascensão da classe senhorial, de consolidação do Estado imperial, e o papel das Letras e da História na construção da nação e da memória nacional é analisado por MATTOS, 1997.

² Todas coligidas no volume *O ideal do crítico*, 2008.

Capistrano publicou na edição de 30 de janeiro de 1881 da *Gazeta de Notícias* um artigo sobre o novo romance de Machado de Assis, na sua coluna *Livros e Letras*. A célebre questão, “As Memórias Póstumas de Brás Cubas serão um romance?” e a resposta logo em sequência, “Em todo caso são mais alguma coisa. O romance aqui é simples acidente” indicam que o crítico percebera que a análise da obra de Machado desencadearia uma série de questões que não eram de simples solução. E já apontava alguns dos temas que frequentariam a pauta de historiadores e críticos literários ao longo do século XX: o ceticismo, a descrição dos costumes e da sociedade, a ironia, o humor, além do talento literário, do apuro estético e do bom uso da linguagem.

São os debates e polêmicas encetados por essa primeira geração de críticos que viriam a estabelecer algumas das diretrizes de análise da obra machadiana ao longo do século XX. Não deixa de ser curioso que o estudo mais célebre e importante sobre o escritor tenha sido, supostamente, uma resposta às avaliações reunidas no artigo “A nova geração”, de 1879, no qual Machado analisa e avalia de forma dura e negativa a produção literária de um novo grupo de poetas e prosadores vindo do Norte e Nordeste brasileiros, conhecida como Escola do Recife. O livro em questão é *Machado de Assis. Estudo comparativo de literatura brasileira*, de Sílvio Romero, publicado em 1897, que causou grande furor no meio letrado pelo tom bastante agressivo que o autor usou para discorrer sobre seu objeto, mas sobretudo pelo fato de ser uma avaliação negativa do trabalho de Machado e também de sua personalidade. Se para Sílvio Romero, o escritor e sua obra eram supervalorizados, para José Veríssimo Machado se destacava por ser talvez o maior escritor brasileiro, e a singularidade que na opinião deste o engrandecia, para Romero era o que o tornava um problema, por não se encaixar no modelo de intelectual que considerava ideal e na escola naturalista que ganhava força no Brasil. Apesar das discordâncias, Romero foi o primeiro a publicar um livro inteiro de crítica sobre a obra de Machado e os pontos abordados eram os mesmos já sugeridos por Capistrano em seu texto de 1881. O próprio Machado, segundo sua correspondência, demorou a ler o livro, sabendo mais pelos outros sobre os ataques sofridos:

[...] aparece aqui um livro do Sílvio Romero, com o meu nome por título. É um estudo ou ataque, como dizem as pessoas que ouço. De notícias publicadas vejo que o autor foi injusto comigo. A afirmação do livro é que nada valho. Dizendo que foi injusto comigo não expromo conclusão minha, mas a própria afirmação dos outros;

*eu sou suspeito. O que parece é que me espanca.*³ (MACHADO DE ASSIS, 2011: 273)

As respostas não tardaram a aparecer. Os artigos mais contundentes de defesa foram escritos por um tal “Labieno”, que se revelou posteriormente como o Conselheiro Lafayette Rodrigues, e foram coligidos em um livreto chamado *VINDICIAE: em defesa de Machado de Assis – polêmica e crítica*, em 1898, reproduzindo a virulência e agressividade de Romero, mas em oposição às ideias deste. Machado sentiu-se defendido e agradeceu o Conselheiro em carta de 19 de fevereiro de 1898 (MACHADO DE ASSIS, 2011: 247). Outros letrados também saíram em sua defesa, como o diplomata e poeta Carlos Magalhães de Azeredo, amigo próximo do escritor, que também publicou sua resposta ao livro de Romero, ressaltando as qualidades literárias do mestre e condenando os excessos de grosseria do crítico sergipano. Se Romero pretendia iniciar uma polêmica com Machado, em parte conseguiu, mas não com o próprio e sim com seus admiradores, que embora discordassem do sentido do julgamento, acabaram usando o mesmo artifício da polêmica como estratégia para questionar as opiniões do primeiro. O que se depreende dessa primeira geração, ainda composta por José Veríssimo, Capistrano de Abreu e Araripe Júnior, é que constitui uma *crítica polemista* por essência, quer fosse contrariante ou apologética, marcada pela realização frequente de uma síntese entre autor e obra, vista como um conjunto mais ou menos linear e homogêneo, de acordo com os princípios evolucionistas que influenciavam os letrados naquela época.

São esses críticos que se dedicaram a debater o estilo do autor, seu uso excessivamente formal da linguagem, as influências estrangeiras, tanto dos moralistas franceses quanto dos humoristas ingleses, a ironia, o pessimismo, a singularidade de Machado no meio intelectual brasileiro e a impossibilidade de enquadrá-lo em escolas e correntes literárias, a falta de ação dos romances, as questões psicológicas e filosóficas dos personagens, mas sobretudo o problema da nacionalidade na obra, o caráter universalista e a falta da *cor local* que prejudicavam a associação com o que então se compreendia como literatura brasileira, ainda muito influenciada pelos padrões estéticos românticos. Um dos pontos chave que articula a produção desses autores e de outros estudiosos sobre a obra de Machado é o que José Veríssimo chamava de *critério nacionalístico*, o quanto Machado poderia ser um legítimo “representante de uma literatura nacional”, ou “verdadeiro escritor nacional”, expressando, ou

³ Carta a Magalhães de Azeredo de 7 de dezembro de 1897.

não, uma *brasilidade* ou um projeto de nação, identificado com o povo (principalmente por ser mestiço e de origem humilde), preocupado ou não com as questões políticas e sociais de seu tempo. Embora este não tenha sido o único ponto bastante debatido, Machado fora constantemente atacado por não ser um autor suficientemente brasileiro. Exceção importante a essa tendência é Capistrano de Abreu, que em virtude de sua interpretação de *Memórias Póstumas*, sabia que não seria possível ler os textos e romances de Machado e qualificá-los ou classificá-los a partir daquele critério, o que resultaria em uma leitura superficial e empobrecida das muitas camadas que o livro apresentava. Embora tenha se dedicado ao assunto no ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, aparentemente Machado nunca foi devidamente compreendido⁴. Desde Sílvio Romero e José Veríssimo, muitos autores preocuparam-se em tentar explicar a presença do *nacional* na obra universal de Machado.

Mesmo os amigos e defensores de Machado também apontavam alguns problemas na sua produção, sobretudo como romancista. A falta de ação, o pessimismo excessivo, o empolamento da linguagem, a falta de descrições do ambiente e das paixões, e as digressões frequentes também foram salientadas por Veríssimo e Araripe Junior, embora de forma mais amistosa do que o fez Romero. Segundo o próprio Machado, essas são de fato as linhas mestras de sua filosofia e de sua literatura, segundo escreveu a Magalhães de Azevedo em carta comentando e agradecendo o artigo que este havia lhe dedicado na *Revista Moderna*, em Roma, e publicado também no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, no qual pretendia fazer um panorama geral do “mestre” em resposta a Sílvio Romero:

*Já lhe disse [...] que achei haver interpretado bem o meu temperamento literário [...]. A parte relativa ao que se achou de humorismo e pessimismo nos últimos livros é tratada com fina crítica, e acerta comigo, cuja natureza teve sempre um fundo antes melancólico que alegre. A própria timidez, ou que quer que seja, me terá feito limitar ou dissimular a expressão verdadeira do meu sentir, sem contar que a experiência é vento mais propício a estas flores amarelas...*⁵ (MACHADO DE ASSIS, 2011: 308)

⁴ A “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” foi publicada pela primeira vez na *Revista Novo Mundo*, em Nova Iorque, em março de 1873. O texto fora encomendado pelo jornalista José Carlos Rodrigues, que posteriormente seria um dos donos e redatores do *Jornal do Commercio*, a Machado em carta de 22 de setembro de 1872, na qual também elogiava a primeira incursão do escritor nos romances.

⁵ Carta a Magalhães de Azevedo. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1898.

As primeiras publicações de mais vulto aparecidas depois de sua morte em 1908 foram o ensaio de Alcides Maya, *Machado de Assis. Algumas notas sobre o humour*, de 1912, e as *Conferências* de Alfredo Pujol, de 1917. Esses textos aprofundam algumas das ideias surgidas nos anos anteriores, no caso do primeiro em um ensaio de moderada profundidade analisando as influências dos humoristas ingleses em Machado, sem, no entanto, considerá-lo ou uma imitação dos europeus ou uma fraude, tal como fez Romero, que o acusava de tentar introduzir um elemento que não fazia parte da tradição literária brasileira de matriz portuguesa, como o humor irônico. Os textos de Pujol já refletem uma tendência que se popularizaria nas décadas seguintes, com as inúmeras biografias que viriam a público e a tentativa de associar aspectos da vida do escritor às razões de suas escolhas literárias e para justificar alguns daqueles elementos observados pelos críticos até então. Interessa sobretudo que a partir desses trabalhos, percebe-se uma modificação daquela crítica polemista para uma crítica mais objetiva sobre aspectos da obra e do estilo do autor, e também mais centrada na sua biografia e em como ela poderia “explicar” a singularidade de Machado em meio à historiografia literária brasileira.

Nos anos de 1920 os trabalhos sofrem uma considerável redução, que pode ser explicada pelo movimento de renovação das artes que resultou na realização da Semana de Arte Moderna de 1922 e pela concentração da produção crítica em torno do novo movimento. Considerando que os modernistas encaravam a cultura popular como a essência da identidade e também desprezavam qualquer forma de manifestação artística que não atendesse aos seus critérios nacionalistas, a obra de Machado, permeada de referências a autores europeus, de caráter universalista, voltada para a análise do homem e não à descrição do espaço à sua volta, produzida por um mulato, mas predominantemente povoada de personagens brancos e da boa sociedade do Império, não entraria na pauta dos estudos dos modernos, quando muito apareceria como a tradição a ser superada. Nesse sentido, o trabalho de Sílvio Romero seria mais significativo para os modernistas, que inclusive compartilhavam com ele o tom militante e por vezes áspero com que tratavam seus opositores. Em artigo publicado no número inaugural do periódico *A Revista*, em 1925, o jovem poeta Carlos Drummond de Andrade faz um libelo a favor do rompimento com as tradições literárias anteriores em nome de um novo tipo de arte engajada com o povo e a construção da nacionalidade brasileira:

Amo tal escritor patricio do século 19, pela magia irrepriável de seu estilo e pela genuína aristocracia de seu pensamento. Mas se deve considerar que este escritor é um desvio na orientação que deve seguir a mentalidade de meu país, para a qual um bom estilo é o mais vicioso dos dois, e a aristocracia um refinamento ainda impossível e indesejável, que devo fazer? A resposta é clara e reta: repudiá-lo. Chamemos este escritor pelo nome: é o grande Machado de Assis. [...] O escritor mais fino do Brasil será o menos representativo de todos. (ANDRADE, 1925: 33)

Para um escritor que merecia repúdio, Machado foi bastante elogiado por Drummond. Dentro da lógica modernista, ele seria muito perfeito e acabado para o momento então atual da cultura e literatura brasileira, que precisavam se encontrar com seu povo antes de transitar para aquele refinamento. O trecho expressa o sentimento de outros adeptos desse movimento, tais como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, por exemplo, que têm opiniões bastante ambíguas sobre o “tal escritor patricio”. Se por um lado não servia de exemplo para a renovada literatura moderna, por outro não se podia negar a perfeição de sua linguagem, do estilo, do humor, da construção e descrição dos personagens, estes sim muito brasileiros. Mário chega a afirmar em artigo de 1939: “se não reconheço Machado de Assis em mim, em compensação sou Brás Cubas, noutros momentos sou Dom Casmurro, noutros o velho Aires. Tenho encontrado dezenas de Virgílias e de Capitus. E qualquer um de nós traz um bocado do Alienista em si...” (ANDRADE, 2002: 125-126).

A partir da década de 1930, culminando no ano do centenário, 1939, se conhece uma grande renovação nos estudos machadianos. Se parte da crítica modernista recua um pouco diante da importância e qualidade do texto machadiano, há uma explosão de trabalhos publicados em jornais diários, revistas literárias e acadêmicas e em livros, sobre os mais variados aspectos da vida e da produção de Machado, com especial ênfase na sua biografia e no que as histórias e particularidades de sua trajetória pessoal poderiam ajudar a explicar partes nebulosas ainda da sua vida, como a “virada” acontecida em 1879, quando completara 40 anos. Entre esses trabalhos, o livro de Lucia Miguel-Pereira lançado em 1936, intitulado *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*, representa um divisor de águas. Baseado não somente em reminiscências de memória e anedotas de amigos e conhecidos de Machado, mas também em fontes documentais, a pesquisa de Lúcia avança no conhecimento de diversos aspectos da vida pessoal de Machado e oferece explicações que ajudam na interpretação de sua obra, especialmente nos subtextos, nos interditos e nas camadas mais subterrâneas das narrativas.

Autores como Augusto Meyer, Sérgio Buarque de Holanda, Otto Maria Carpeaux, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Peregrino Junior entre muitos outros, publicaram livros, ensaios ou crônicas à propósito do ano do centenário, abrindo de forma contundente o leque de estudos e interpretações possíveis sobre sua produção, desde sua origem humilde, até mesmo sobre sua epilepsia. A edição pela primeira vez de suas *Obras Completas* pela editora W. M. Jackson em 1937, embora considerada bastante defeituosa, e a proliferação de novas edições, biografias, estudos críticos e até mesmo exposições ajudaram na popularização de sua produção, anteriormente mais restrita a uma elite de privilegiados com acesso à leitura e à cultura. Entretanto, sobre a profusão de “machadismos” da hora, Astrojildo Pereira vaticinava: “a moda por ser moda passará com o centenário, e a obra de Machado de Assis permanecerá sempre atual.” (PEREIRA, 2000: 03) O centenário, acontecido durante o Estado Novo, promoveu um redescobrimto do autor, e principalmente sua glorificação oficial como ídolo e símbolo nacional. A despeito do uso pela propaganda oficial do governo, o reconhecimento póstumo, a popularização e a elevação de um literato ao posto de herói nacional acabavam com qualquer dúvida que pudesse restar sobre a *brasilidade* de sua obra.

Outra efeméride foi ponto de partida para uma nova leva de publicações, os cinquenta anos de morte em 1958. Muitos daqueles críticos que ofereceram suas contribuições entre os anos 1930-40 continuaram produzindo entre os anos 1950-60, como Augusto Meyer, e novos pesquisadores se apresentam: Eugênio Gomes, Raimundo de Magalhães Junior, Nelson Werneck Sodré, José Galante de Souza, Afrânio Coutinho e Agripino Grieco, por exemplo. Diferentemente da data comemorativa anterior, desta vez Machado já estava consagrado e sua importância era inquestionável, o que abriu a possibilidade para que houvesse mais interesse em se estudar sua produção, partindo para análises mais pormenorizadas dos textos, contribuindo para uma história do pensamento brasileiro que começava a ganhar espaço nos meios intelectuais do país.

Esse é também o momento no qual os principais romances de Machado começam a ser traduzidos para outros idiomas, e tornam-se objeto de trabalho de pesquisadores estrangeiros, como Jean-Michel Massa, que deu uma grande contribuição ao localizar e catalogar a biblioteca particular do escritor (MASSA, 1961) e ao publicar uma das mais importantes biografias sobre ele, *A juventude de Machado de Assis* (1969). A professora americana Helen

Caldwell, além de ter traduzido *Dom Casmurro* para o inglês, foi responsável por uma das interpretações mais inovadoras sobre o romance, que prevalece até os dias atuais. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis*, publicado em 1960, colocou em dúvida a traição de Capitu, levantando suspeitas sobre a versão do narrador, considerado pouco confiável por seus ciúmes excessivos e pelo evidente desequilíbrio emocional demonstrado ao longo da narrativa. José Verissimo foi o primeiro a suspeitar da imparcialidade do narrador Bento Santiago, mas não chegou a formular a possibilidade da inocência de Capitu ante as acusações do marido obcecado com a suposta traição. A associação com Shakespeare também foi feliz, uma vez que Machado fora leitor voraz do escritor inglês e se confessava muito influenciado por ele.

Essa geração de críticos talvez tenha sido a última antes da especialização promovida pela consolidação dos cursos superiores de Letras, de Ciências Humanas e Sociais, e do surgimento dos cursos de pós-graduação. A partir da década de 1970, começam a aparecer os primeiros trabalhos acadêmicos, como os de Antônio Candido, Raimundo Faoro e Roberto Schwarz, exigindo maior rigor teórico-metodológico e documental também dos estudiosos que não faziam parte das universidades. A obra machadiana começa a ser objeto de interesse de historiadores e sociólogos que mudam em parte o foco do estudo literário e estético da narrativa para as histórias, os eventos descritos, os personagens, os espaços que ocupam na cidade, e o quanto estes possibilitam conhecer e melhor compreender o cotidiano dos homens e mulheres da sociedade imperial brasileira. O olhar da crítica começa a se voltar novamente para a obra, desta vez não como reflexo e resultado dos eventos da vida de Machado, mas como fonte para compreender melhor seu pensamento e seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. *Ensaio e Estudos*. 4ª série. Rio de Janeiro, Brasília: Civilização Brasileira, INL, 1975. [Original de 1881].

ANDRADE, Carlos Drummond. Sobre a tradição em literatura. *A Revista*. Belo Horizonte, ano 1, n. 1, julho de 1925, p. 33.

- ANDRADE, Mário. Machado de Assis (1939). *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 2002, p.125-126.
- ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. *Obra Crítica de Araripe Junior*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963, vol. 3.
- AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Homens e livros*. Paris: Tipografia Garnier, 1901. [Publicados originalmente na *Revista Moderna*, Roma, 5 de novembro de 1897, e no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1898].
- BANDEIRA, Manuel. Machado de Assis [1939] et Machado de Assis poeta. [1939]. *Crônicas inéditas 2*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 207-215.
- CALDWELL, Helen. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. [A primeira edição em inglês é de 1960].
- CANDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. *Vários escritos*. 4ª edição, Rio de Janeiro, São Paulo: Ouro sobre Azul, Duas Cidades, 2004.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio Reunidos I (1942-1978) e Ensaio Reunidos II (1946-1971)*. Rio de Janeiro: Topbooks; Univercidade editora, 1999 e 2005.
- COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 4ª Ed., São Paulo: Editora Globo, 2001.
- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- _____. *Machado de Assis: influências inglesas*. Rio de Janeiro: Pallas; MEC/INL, 1976.
- GRIECO, Agripino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1959.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. A filosofia de Machado de Assis [1940]; et Notas sobre o romance [1941]. *O Espírito e a Letra*. Vol. I. Estudos de crítica literária, 1920-1947. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 305-312; 317-321.
- LABIENO (pseudônimo do conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira). *Vindiciae – O sr. Sílvio Romero crítico e filósofo*. In: PINA, Patrícia. (Org.) *VINDICIAE: em defesa de*

Machado de Assis – Polêmica e crítica. Cadernos da Pós de Letras, volume 20. Rio de Janeiro: editora UERJ, 1998. [Original de 1898, publicado em artigos no *Jornal do Commercio*].

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo II, 1870-1889 e tomo III, 1890-1900. (Coordenação de Sergio Paulo Rouanet). Rio de Janeiro: ABL, 2009 e 2011.

_____. *O ideal do crítico*. Organização de Miguel Sanches Neto. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MAGALHÃES Junior, Raimundo. *Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

MASSA, Jean Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. Separata da *Revista do Livro*, n. 21-22, Mar.-jun., 1961.

_____. *A Juventude de Machado de Assis*. 1839-1870. Ensaio de Biografia Intelectual. 2ª edição, São Paulo: Ed. UNESP, 2009 [*La jeunesse de Machado de Assis 1839-1870: essai de biographie intellectuelle*. Poitiers: 1969. Tese de Doutorado em Letras apresentada à Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Poitiers, Poitiers].

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O tempo saquarema*. Rio de Janeiro: Access, 1997.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis*. Algumas notas sobre o *humour*. 3ª ed., Porto Alegre: editora Movimento/Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2007. [Original de 1912].

MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935-1958)*. 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2008.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Machado de Assis*. Estudo crítico e biográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

PEREGRINO Junior, João. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro; José Olympio, 1938.

PEREIRA, Astrojildo. Consciência nacional de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 3, set., 1958.

_____. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

_____. Machado de Assis na crítica. Apud *Machado de Assis em linha*, Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 3, n. 5, julho de 2010, em: http://machadodeassis.net/revista/numero05/rev_num05_artigo01.asp

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis: Curso literário em Sete Conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. Rio de Janeiro, São Paulo: ABL, Imprensa Oficial, 2007.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis*. Estudo comparativo de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert & C. editores, 1897.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. Posição de Machado de Assis. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, n. 3, set. 1958.

SOUSA, José Galante de. Cronologia de Machado de Assis. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, n. 3, set. 1958.

VERISSIMO, José. *História da Literatura Brasileira – de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 3ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

_____. *Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, diversos volumes: 1ª série, 1901; 3ª série, 1903; 4ª série, 1904; 6ª série, 1907.